

Arquivo
184

IBRA
Kardex
indexação

CEDI - P. I. B.
DATA 02, 12, 186
COD TNP00001

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

NOVA SÉRIE

RIO DE JANEIRO - BRASIL

ANTROPOLOGIA — N.º 18 — 5 de setembro de 1958

ASPECTOS DEMOGRAFICOS E ECOLÓGICOS DE UMA COMUNIDADE TERÊNA (*)

(Com 6 figuras)

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA
Museu Nacional — Rio de Janeiro

O estudo de uma cidade ou de uma comunidade qualquer, como um fenômeno natural, dotado de uma configuração espacial, pode-se dizer que foi inaugurado há cerca de trinta anos atrás por Robert Ezra Park. Tomando por modelo as ciências naturais, especialmente a biologia, Park mostra que operam numa comunidade humana os mesmos princípios que agem numa comunidade vegetal ou animal, sublinhando a *competição* como o princípio organizador fundamental. Na comunidade vegetal ou animal a ação desse princípio resulta, em primeiro lugar, numa distribuição ordenada da população e, em segundo, numa diferenciação das espécies de acordo com o *habitat*. Traduzindo *habitat* por *região econômica*, teríamos — em relação a esta última consequência — uma divisão de trabalho e uma diferenciação de função ou de ocupação entre organismos individuais (1). Em última análise, um tal estudo teria um objetivo taxionômico, permitindo a comparação de uma comunidade, descrita como um "exemplar-tipo", com outras unidades populacionais que lhe fossem semelhantes ou diferentes. Temos entre nós, por exemplo, o estudo da cidade paulista de Itapetininga de autoria de Oracy Nogueira (2) e que se caracteriza por essa mesma abordagem e

(*) Comunicação à III Reunião Brasileira de Antropologia. (Recife, 1958) de uma pesquisa financiada pelo Serviço de Proteção aos Índios.

(1) Park — "The city as a natural Phenomenon", in *Human Communities*, pág. 119.

(2) "Desenvolvimento e Ecologia da Cidade de Itapetininga", manuscrito, a ser apresentado ao Seminário sobre Problemas de Urbanização na América Latina, a se realizar no Chile, em 1958, sob o patrocínio da UNESCO.

esses mesmos objetivos, isto é, focalizando-a como um fenômeno natural.

O trabalho que ora estamos apresentando foi inspirado na mesma fonte e pretende seguir, em linhas gerais, o modelo de Park. Isto porque acreditamos que para se estudar uma população de aproximadamente 4.000 indivíduos e que há algum tempo deixou de ser tribal, embora se mantenha fortemente indígena, ao mesmo tempo que integrada à estrutura sócio-econômica regional, para seu estudo — repetimos — não nos podemos limitar ao uso das tradicionais técnicas etnográficas. Estas, naturalmente, têm que constituir a abordagem básica. Entretanto, há de se convir que para conhecer uma população dessa natureza, a técnica da observação-participante não é suficiente, a não ser quando controlada ou complementada por técnicas sociográficas.

A primeira dificuldade que o pesquisador encontra no estudo dos Terêna, refere-se à dispersão do grupo em áreas não contíguas, cujos intervalos se acham preenchidos por componentes da sociedade nacional. Essas áreas de ocupação néo-brasileira, naturalmente vão influir — às vezes de modo decisivo — na configuração de cada comunidade em particular. Assim, de uma dezena de aldeias Terêna, teríamos que escolher uma — dentro de um critério de representatividade — para que nela pudéssemos estudar, em profundidade, todos os processos sócio-culturais que emergem de uma comunidade em transição.

Fizemos isso num trabalho anterior (3) e o resultado foi a seleção da aldeia de Cachoeirinha, como aquela que melhor representaria o universo Terêna, visto em termos de suas tradições e dos caminhos mais “normais” que poderia tomar no processo de mudança. E estamos usando o termo “normal”, entre aspas, para adjectivar uma situação na qual não hajam ocorrido fenômenos como divisão da comunidade em frações político-religiosas antagônicas, composição étnica variada, de molde a prejudicar a homogeneidade cultural, compulsões recentes de conseqüências desintegradoras, etc. E se Cachoeirinha não é o que se poderia chamar uma “aldeia Terêna típica” — pois difícil é saber, nesta altura, o que é típico —, ao menos ela representa o que há de mais arcaico no universo Terêna, sem por

(3) “Preliminares de uma Pesquisa sobre a Assimilação dos Terêna”, in *Revista de Antropologia*, n.º 2, vol. 5, 1957.

isso estar isenta dos processos de mudança que vêm sofrendo as demais aldeias indígenas daquela área regional. Esta seria, em última análise, a segunda dificuldade que o pesquisador iria encontrar no campo, a saber: até onde ou em que grau a comunidade escolhida nos permitiria inferir importantes aspectos da *cultura Terêna*.

A terceira dificuldade nasceria da seguinte proposição: em que medida o estudo das estruturas demográficas e ecológicas de uma aldeia traria esclarecimentos sobre estruturas congêneres nas demais unidades populacionais Terêna. Esse seria o problema que o presente trabalho iria suscitar, não fôsse limitarmos seus objetivos a uma simples descrição de uma aldeia Terêna — por sinal Cachoeirinha —, como se fôsse ela uma “espécie natural”, representativa de uma categoria ampla, tal como de uma população indígena em transição, aldeada em terras próprias e inserida numa região secularmente desbravada por uma economia de caráter pastoril e nacional.

Como se vê, as três dificuldades acima enumeradas criaram respectivas ordens de problemas: — a) a amostragem, sem a qual se tornava impossível a investigação, em profundidade, de processos sócio-culturais; b) a *representatividade cultural* da comunidade selecionada, sem cuja formulação se tornaria inexecutável um estudo etnológico; e c) a *representatividade estrutural* da própria aldeia, tomada agora como unidade de investigação. Desnecessário é esclarecer que estes últimos problemas emergem do primeiro e, em certo sentido, são interdependentes. Todavia, o segundo e parcialmente o terceiro foram exaustivamente tratados num relatório que apresentamos ao Museu Nacional, no ano passado (4), e que nos permite agora enfrentar uma análise demográfica e ecológica de Cachoeirinha com plena consciência de sua utilidade para a compreensão geral de uma população.

A aldeia de Cachoeirinha, situada a três léguas e meia a noroeste da pequena e tradicional cidade de Miranda, representa, provavelmente, o núcleo populacional mais antigo daquela região. Naturalmente mudou e mudou muito, pois não podia ficar imune às

(4) “Integração e Acomodação dos Terêna no sul de Mato Grosso”. Manuscrito arquivado na Divisão de Antropologia e Etnologia do Museu Nacional.

imensas mudanças operadas em todo o sul de Mato Grosso, a começar pela penetração pastoril que se iniciou em fins do século XVIII, seguida da “Guerra do Paraguai” e suas conseqüências altamente dissociativas, até a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1905-1914) e a paralela introdução de uma política protecionista do Governo Brasileiro, estabelecida pela “Comissão Rondon” e continuada, até o presente, pelo Serviço de Proteção aos Índios.

A existência de Cachoeirinha vem de longa data, a se julgar pelas informações obtidas e pelos “lugares históricos” que em várias ocasiões nos foram apontados pelos Terêna, com os seguintes comentários: — “Aqui nós enforcamos um paraguaio”; — “Lá foi morto o pai de meu tio, por um paraguaio valente”; — “Acima daquela vazante, pode-se ver o lugar em que ficava a antiga aldeia, com casas dispostas em forma circular”. Isso tudo, dentro da atual reserva, de cêrca de 2.260 hectares, cuja área compreendeu historicamente, no mínimo, três grupos-locais: a) o de Bookoti — que em txané quer dizer “barulho d’água” e que veio dar no nome Cachoeirinha, adotado pela atual comunidade, graças a uma pequena cascata que havia há cêrca de 40 anos atrás; b) o de *Imokovokoti*, nome dado à primeira capela construída no lugar e que corresponde, exatamente, ao sítio em que o núcleo da atual comunidade está estabelecido; c) o de *Akúlea*, literalmente “Argola”, expressivo da forma circular em que estariam dispostas as tradicionais malocas Terêna; aliás, como *Bookoti*, êsse nome foi mantido e designa, atualmente, um “bairro” de Cachoeirinha.

Entretanto, caso desejássemos mais pormenores sôbre a formação de Cachoeirinha, teríamos que nos basear em muitas conjecturas, pois a tradição oral dos Terêna é muito pouco fértil nesse sentido. Sustentam apenas que seus antepassados vieram do Chaco, do lado ocidental do rio Paraguai, onde fica também a morada dos *Hoipihapati*, dos espíritos dos mortos. Mas um fato que sem dúvida alguma exerceu uma grande influência não só no grupo-local de Cachoeirinha, como também na população Terêna em seu conjunto, foi o conflito Brasil-Paraguai, em 1864-69, portanto quase um século depois de haverem os Terêna — juntamente com os demais grupos Guaná — transposto o rio Paraguai, em direção leste-nordeste. Naquela ocasião, da “Guerra do Paraguai”, não foram poucas as dificuldades por êles enfrentadas e cujo verdadeiro sentido lhes

passava inteiramente despercebido. Engajados compulsoriamente no conflito, cuidaram no início de prover as tropas brasileiras de mantimentos, como mandioca, feijão miúdo, farinha, etc., bons agricultores que sempre foram; posteriormente, com a evolução do exército paraguaio, tiveram de entrar rijo na luta, agora tentando se defender como podiam, ao lado das tropas brasileiras e dos índios Mbayá-Guaykuru — êstes, guerreiros por excelência — aproveitando ao máximo as oportunidades de espólio ou saque que as vitórias sôbre o inimigo e mesmo os ataques a fazendas brasileiras propiciavam. Tôdas as ocasiões em que ouvimos o “Capitão” de Cachoeirinha, o velho e conceituado líder Terêna, José Timóteo, falar ao povo, nunca êle deixou de se referir às experiências de seu povo na guerra com os paraguaios e o direito que conquistaram sôbre as terras que secularmente ocupam.

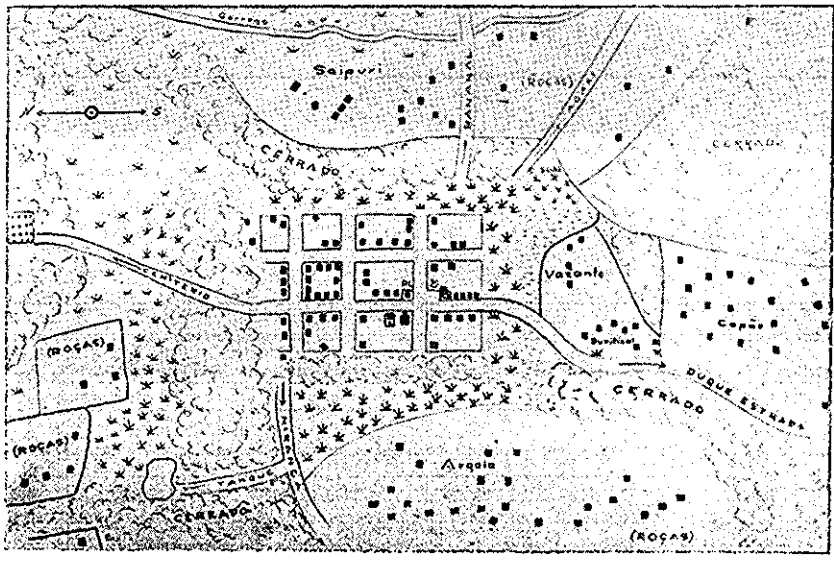


Figura 1 — Croquis de Cachoeirinha

Outro fato rememorado pelo grupo e até certo ponto explicativo do tipo de relações e expectativas que envolviam índios e fazendeiros, ocorreu em fins do século passado. Contaram-nos que em 1890, aproximadamente, teriam sofrido as conseqüências de um

movimento de guerrilheiros, cujo resultado foi se verem acusados injustamente de pilhagem da Fazenda Santana, de um dos chefes políticos regionais, “Coronel” Zózimo Fialho. Exigiu o fazendeiro que os Terêna pagassem o que “roubaram”, trabalhando nas terras da Fazenda... Indignados os Terêna se revoltaram e, mesmo aqueles que acederam em trabalhar, logo viram que isso não passava de um engôdo, muito freqüente na época: o trabalho gratuito. Tiveram, então, em grande número que abandonar a aldeia, parte refugiando-se na aldeia do Bananal (a quatro léguas e meia, a leste de Cachoeirinha) e parte no alto da serra do Maracajú, como “camaradas” nas fazendas lá localizadas. Houve, naturalmente, naquela época uma grande queda na população da então *Bookoti*, esclarecendo-nos, entretanto, nossos informantes que o aumento posterior da comunidade não se deveu ao retôrno daquelas famílias. Como veremos, os processos de incremento demográfico foram outros.

Presentes na memória coletiva poderíamos ainda apontar a atuação da “Comissão Rondon”, medindo e demarcando a reserva em 1905, e a construção da Estrada de Ferro. Tanto para os trabalhos da “Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas”, como para a preparação do leito e colocação dos trilhos da via férrea, constituíram-se os Terêna na mão-de-obra principal. Alguns deles, como o próprio “Capitão” Timóteo, chegaram a acompanhar a “Comissão Rondon” até São Luiz de Cáceres, na lida de plantar postes telegráficos pelo interior do Brasil.

O primeiro censo de que temos notícia, realizado pelo Serviço de Proteção aos Índios no sul de Mato Grosso, em 1919, dá a Cachoeirinha uma população de 228 indivíduos. Os seguintes dão as seguintes cifras, em constante acréscimo: em 1926, 436 pessoas; no ano imediato, 1927, registrava-se 503 habitantes; dez anos depois, em 1937, verificava-se novo aumento, passando Cachoeirinha a apresentar uma população de 750 pessoas; em 1941, a mesma cifra é confirmada, para dar um salto a 834 moradores, em 1954, com um censo regional realizado pelo SPI; finalmente, o censo por nós realizado nos meses de setembro e outubro de 1957 acusou 918 indivíduos. Tomando-se quatro datas, 1919, 1927, 1937 e 1957, vemos que a população de Cachoeirinha veio aumentando progressivamente, na seguinte proporção: de 1919 e 27, aumentou em 54%;

1927 a 37, em 19, 6%; e de 1937 a 57, em 18,4%. A baixa dos índices mostra, por outro lado, uma tendência à diminuição do ritmo de aumento e indica que o grande incremento demográfico assinalado deveu-se à imigração de famílias inteiras e não a um elevado índice de natalidade; e na medida em que vai se esgotando a população Terêna nas Fazendas, a progressão do aumento demográfico vai diminuindo. Temos um exemplo: na diferença de um ano somente, entre 1926 a 1927, houve um sensível aumento da população, apesar de 13 óbitos ocorridos: nasceram 8 e entraram, procedentes de fazendas, na sua maioria, 72 pessoas, i.é, 14% da população total.

TABELA I

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO E IDADE

Classes de idade	Sexo masc.	%	Sexo fem.	%	Totais
0 — 4	92	10,30	90	10,08	182
5 — 9	68	7,61	63	7,05	131
10 — 14	47	5,26	54	6,05	101
15 — 19	56	6,27	55	6,16	111
20 — 24	34	3,81	42	4,70	76
25 — 29	35	3,92	37	4,14	72
30 — 34	17	1,90	13	1,45	30
35 — 39	25	2,80	25	2,80	50
40 — 44	18	2,01	14	1,58	32
45 — 49	8	0,89	5	0,56	13
50 — 54	12	1,34	16	1,79	28
55 — 59	12	1,34	9	1,01	21
60 — 64	9	1,01	3	0,33	12
65 — 69	7	0,78	1	0,11	8
70 — 74	5	0,56	4	0,45	9
75 — 79	1	0,11	1	0,11	2
80 — 84	4	0,45	1	0,11	5
85 — 89	2	0,22	1	0,11	3
90 — 94	3	0,33	2	0,22	5
... de 95	2	0,22	0	—	
Totais	457		436		893(*)

(*) O Recenseamento realizado acusou 918 habitantes. Entretanto 25 indivíduos tiveram que ser excluídos da presente tabela pelo fato de não ter sido possível obter suas idades. Por esse motivo, a pirâmide foi construída com apenas 893 indivíduos, sem prejuízo, uma vez que os 25 excluídos distribuíam-se, em sua grande maioria, pelas cinco classes etárias mais jovens.

Em 1957, a situação de Cachoeirinha por lugar de nascimento de sua população, foi a seguinte: nascidos em Cachoeirinha, 83,24%; nascidos em Fazendas, 9,04%; nascidos noutras aldeias, 5,52% e nascidos em cidades, apenas 2,20%. Acrescente-se, ainda, que dentre as aldeias, aquelas que mais têm perdido gente a favor de Cachoeirinha, são: Lalima, com 2,3% e Bananal, com 2,1%. Aliás, quanto à primeira, temos de convir que o verdadeiro êxodo por ela sofrido, em direção a Cachoeirinha, veio determinar notável alteração na configuração topográfica da comunidade (5): veio criar um novo “bairro” em Cachoeirinha, por êles mesmos denominado *Capão*. Nesse lugar, distribuídas em dezoito ranchos, vivem 107 pessoas; nascidas em Cachoeirinha 52 (48,6%), das quais 32 menores de 10 anos; 21 (19%), nascidas em Lalima; 22 (20,5%), em Fazendas; 8 (7,5%) em Bananal; e o pouco restante em outras reservas Terêna, como Ipegue, Buriti e Limão Verde. Restaria esclarecer que as 22 pessoas nascidas em Fazendas, moraram algum tempo em Lalima e de lá vieram para Cachoeirinha. E a formação do *Capão* não deve ter mais do que quinze anos, pois que nasceram nesse espaço de tempo, no novo bairro de Cachoeirinha, 37 indivíduos dos 52 acima mencionados, o que vem mostrar que a totalidade dos Chefes de família e a grande maioria dos adultos é de forasteiros.

Cachoeirinha compreende ainda outro bairro bastante importante na vida comunal, contando inclusive com time de futebol próprio. É a *Argola* ou *Akúlea*, por nós já referida linhas atrás, remanescente de um antigo grupo-local Terêna. Na *Argola* existem 23 ranchos, pouca coisa mais do que o *Capão* em número, mas muito diferente dêle em termos de origem de sua população, que, em sua quase totalidade, é nascida em Cachoeirinha. Há, ainda, o lugar chamado “Buritizal”, com 6 ranchos; “Saipuri”, com 5; “Vazante”, com 4; e mais 22 ranchos distribuídos, isoladamente, pela grande área da reserva. Mas todos êsses “bairros” e “lugares” distinguem-se do núcleo central de Cachoeirinha (núcleo êsse que passaremos a chamar sómente de *Aldeia*, grifado), pelo fato de se encontrarem

(5) A principal causa dêsse êxodo parece ter sido a grande distância existente entre Lalima e os centros urbanos, estando a aldeia afastada de Miranda — a cidade mais próxima e seu grande mercado consumidor — cerca de 50 quilômetros.

localizados junto às roças, ao contrário da *Aldeia* própria dita, cujos moradores mantêm suas roças bastante afastadas de suas casas. Conta a *Aldeia* 57 casas, dispostas em “quarteirões”, divididos por cinco ruas, duas, paralelas, em sentido norte-sul, e três transversais, sendo tôdas elas amplas e gramadas (grama francesa). Nela está concentrada grande parte da população de Cachoeirinha que se distribui, por tôda a reserva, em 136 moradias. A densidade residencial da comunidade é de 6,75%, bastante alta como se vê.

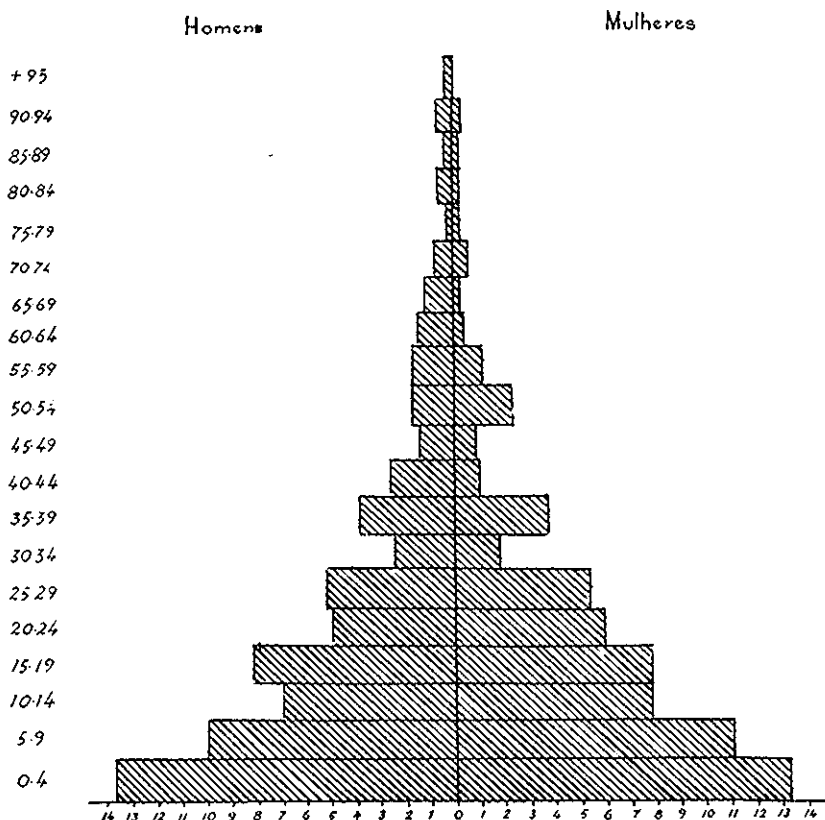


Figura 2 — Pirâmide de distribuição de sexo e idade da população de Cachoeirinha

Uma simples visualização da pirâmide populacional de Cachoeirinha mostra uma base bastante ampla, significativa de alto índice de natalidade. Infelizmente, os dados que obtivemos não nos per-

TABELA II

LUGAR DE NASCIMENTO

Lugar	N.º de indivíduos	%
CACHOEIRINHA	755	83,24
FAZENDAS	82	9,04
LALIMA	21	2,31
CIDADES	20	2,20
BANANAL	19	2,09
OUTRAS ALDEIAS	10	1,12
Total	907 (*)	100%

mitem conhecer o índice de mortalidade na aldeia. Todavia, podemos dizer, que o índice de fertilidade é de 772 filhos para 1.000 mulheres de 15 a 49 anos, pouca coisa mais alto do que o do Estado de Mato Grosso que é de 766 para 1.000 mulheres. Aliás, também na proporção entre os sexos, encontramos a mesma simetria com o Estado de Mato Grosso; em Cachoeirinha, 1.050 homens para 1.000 mulheres; no Estado, 1.081 homens para 1.000 mulheres.

Entretanto, a população útil da comunidade — se tomarmos por úteis as classes de idade de 20 a 49 anos — é muito inexpressiva em relação ao todo. Note-se o afinamento brusco da pirâmide, a partir da classe etária 15-19, tanto do lado masculino (6,27%), quanto do feminino (6,16%), até a de 20-24, masculino (3,81%) e feminino (4,70%). Há uma ligeira elevação na classe seguinte, de 25-29 na população masculina (3,92%) para um decréscimo da feminina (4,14%), com uma maior queda ainda para a classe de 30-34, para ambos os sexos, masculino 1,90%, feminino 1,45%. Nas duas classes seguintes, 35-39 e 40-44, para ambos os sexos temos respectivamente os seguintes índices: homens 2,80% e 3,01% e mulheres 2,80% e 1,58%. Finalmente, para a classe 45-49, a pirâmide acusa outro grande estrangulamento: cai a população masculina para 0,89% e a feminina para 0,56%.

O exame da pirâmide nos dá a entender quão difícil é para essa população resolver o problema de sua própria subsistência.

(*) Da população total de 918 indivíduos, 11 tiveram de ser excluídos das análises, por fornecerem informações incompletas. Esta tabela, e a seguinte (III), foram elaboradas com 907 indivíduos.

Não bastam as dificuldades inerentes ao baixo nível tecnológico do grupo, que, em si mesmo, é de exígua produtividade; soma-se a isso um pequeno número de indivíduos, produtores, aos quais cabe a tarefa de abastecer tôda a população. E note-se que êsse contingente realmente produtor é composto quase que exclusivamente por indivíduos do sexo masculino, pois, como se sabe, grande parte da população feminina de Cachoeirinha ainda segue a tradicional divisão de trabalho: aos homens os trabalhos pesados, como a destocagem, amanho da terra e o plantio, e às mulheres as atividades domésticas, a fiação, a costura, a cerâmica e a colheita. Hoje, entretanto, isso não basta; faz-se cada vez mais necessária a participação do sexo feminino no novo quadro de trabalho que se apresenta à comunidade, no sentido de incorporar a mulher ao mercado de trabalho regional, seja através da lida agrícola, seja pelo engajamento nas atividades citadinas, como a de empregada doméstica em casas de família em Miranda ou Duque Estrada.

Poder-se-ia pensar, contudo, que o referido afinamento da pirâmide seja devido à evasão da população jovem para o exterior. É verdade que a evasão existe, mas não em tão grandes proporções para explicar a estrutura da pirâmide. Somos inclinados a aceitar — como sendo o fator mais poderoso — um elevado índice de mortalidade, nas classes 0-4 e 5-9, sòmente equilibradas por uma alta natalidade.

O levantamento dos dados sòbre o estado conjugal da população de mais de 15 anos, dá as seguintes percentagens: SOLTEIROS — sexo masculino, 15,54%, sexo feminino, 7,36%; CASADOS — 17,79% e 17,58%; AMASIADOS — 14,72% para ambos os sexos; SEPARADOS — 0,61% e 3,88%; VIÚVOS — 4,09% e 3,68%. Dentro da categoria SOLTEIROS, 70,62% são indivíduos de 15 a 19 anos e 25,89% indivíduos de 20 a 29 anos. Os grandes índices dos CASADOS estão nas classes de 20-29 e 30-39, respectivamente 30,05% e 25,43%, bem como os AMASIADOS, respectivamente 40,27% e 20,8%. As de SEPARADOS e VIÚVOS compreendem como mais numerosas, respectivamente, as classes mais moças e as mais idosas. Depreende-se daí que o celibato é uma coisa rara na aldeia, com apenas três indivíduos na geração de 30-39 anos e um na de 40-49, todos êles do sexo masculino. Entretanto, é preciso que se diga que os dados apresentados não pretendem servir de base para

inferências sôbre a estabilidade do matrimônio, porquanto na categoria dos SEPARADOS somente foram registrados aqueles que, na época em que foram entrevistados, estavam naquela situação; podemos dizer, por outro lado, que o número de indivíduos, de ambos os sexos, *casados* ou *amasiados* pela segunda vez não é de nenhuma maneira irrelevante; embora não possamos quantificar essa proposição, podemos dizer que as Histórias de Vida colhidas, bem como as estruturas de parentesco levantadas, possibilitam sua enunciação.

A composição étnica de Cahoeirinha apresenta a seguinte configuração: 80,37% da comunidade é *Terêna*, i.é, filhos de pais e mães *Terêna*; em segundo lugar, com 10,14% vêm os *mestiços de pais índios*, i.é, filhos de uniões *Terêna-Layâna*, *Kinikináu-Terêna*, *Layâna-Guaykuru* e toda sorte de combinações inter-tribais; em terceiro lugar, com 6,17%, estão os *mestiços* propriamente ditos, frutos de uniões entre índios e “civilizados”, termo êsse usado na região para indicar todo indivíduo que não se enquadra na categoria de índio; em quarto, temos os índios *Kinikináu*, em 1,76%; e, em quinto, os índios *Layâna*, não representando mais que 1% da população total. Os demais contingentes são inexpressivos: em números absolutos temos dois “civilizados” (um deles um negro), um *paraguaio*, um *Guaykuru* e um *Guaraní*, sendo êstes dois últimos indivíduos do sexo feminino. Como se vê, Cahoeirinha é uma comunidade formada por uma grande maioria *Terêna*, com grande poder de assimilação dos demais contingentes populacionais, de origem indígena ou não. Todos os elementos alienígenas falam o dialeto *Terêna* e se comportam como membros naturais da comunidade, exceção feita apenas da mulher *Guaraní* (recém-casada com um *Terêna* e originária de Dourados) e dos dois “civilizados” (ambos casados na comunidade com mulheres *Terêna*).

A aparente permanência de uma cultura indígena na aldeia que se poderia deduzir pela presença de uma poderosa maioria *Terêna*, — demonstrada pela comparação dos índices acima —, não quer dizer de modo algum que a comunidade não tenha sofrido e não esteja sofrendo atualmente mudanças das mais radicais, no sentido de levá-la a adquirir um estilo caracteristicamente neobrasileiro. Das antigas malccas e da aldeia em forma circular, para

cá, como estamos vendo, as mudanças foram enormes, seja por evolução espontânea (por aculturação) do padrão de habitação, seja por interferência externa, conscientemente dirigida, no arruamento do núcleo central da aldeia, executado pelo S.P.I. Mas outras mudanças, não menos importantes, estão para vir no processo de acomodação do grupo à estrutura sócio-econômica regional.

Na avenida principal da aldeia foram edificadas as grandes construções de tijolos e telha francesa, como a sede do “Pôsto Indígena Cachoeirinha”, a Escola e a Igreja Católica, uma em frente à outra, numa disposição, em triângulo, cujo centro é um amplo pátio, gramado, onde se dão as principais festividades da comunidade. Nas noites de luar, os meninos e rapazes ficam em grupos conversando e realizando diversas brincadeiras nesse local — que poderíamos chamar de centro da aldeia. Aos domingos, feriados e dias santos, durante o dia, há jogo de futebol e “footing” de rapazes e moças. Chegará o dia em que tais “footing” ocorrerão em estilo brasileiro, como estamos acostumados a ver em cidades do interior; por enquanto, os homens e as mulheres passeiam em separado e sem obedecer a qualquer norma ou direção, comuns neste tipo de comportamento. Tais atividades parecem exercer grande influência principalmente na população jovem da comunidade. Várias vezes ouvimos rapazes e moças, moradores dos “bairros” ou das “roças”, reclamarem de seus pais viverem tão longe da “aldeia”...

TABELA III

COMPOSIÇÃO ÉTNICA

Grupo	N.º de indivíduos	%
TERENA	729	80,37
MESTIÇOS (*)	92	10,14
MESTIÇOS (**)	56	6,17
KINIKINAU	16	1,76
LAYANA	9	0,99
OUTROS	5	0,57
Total	907	100%

(*) Mestiços de pais índios.

(**) Mestiços propriamente ditos.

Mas não apenas as possibilidades de diversão e de ampliação da vida social comunitária têm servido de atração para os moradores mais distantes. Também a Escola tem exercido a mesma atração, só quanto aos pais, desejosos de verem seus filhos sabendo ler, falar português e fazer contas, a fim de que não sejam enganados pelo “purutuya” (têrmo aplicado aos “civilizados” que, em tradução literal, é português). A imposição cada vez maior de técnicas brasileiras de comunicação, face ao processo de integração cada vez mais intensa dos Terêna na sociedade regional, torna a Escola da aldeia cada vez mais procurada. Atualmente, com duas classes funcionando (1.º e 2.º ano e 3.º e 4.º), a Escola não atende a mais do que 80 crianças, de uma população em idade escolar (7 a 14 anos) de 165 pessoas. Dêsse total, 69 moram na *Aldeia* e 96 nos “bairros” e “roças”, dando uma proporção de 42% na *Aldeia* pròpriamente dita e 58% fora dela. Em consequência disso, ou o Serviço de Proteção aos Índios cria outras escolas nos demais núcleos populacionais da reserva, ou isso será mais um estímulo para trazer ao núcleo central famílias inteiras em busca de “educação primária” para seus filhos. Duas das famílias que se mudaram para a *Aldeia*, durante nossa última estada em Cachoeirinha, alegaram que assim agiam para que seus filhos pudessem freqüentar a Escola do Pôsto (como a chamam, embora não haja outra na comunidade, conquanto noutras aldeias seja comum a existência de duas escolas, uma do Pôsto, oficial, e outra religiosa, em regra protestante).

TABELA IV

ESTADO CIVIL
(População maior de 15 anos)

	Masculino	%	Feminino	%	Totais	%
SOLTEIROS	76	15,54	36	7,36	112	22,90
CASADOS	87	17,79	86	17,58	173	35,37
AMASIADOS	72	14,72	72	14,72	144	29,44
SEPARADOS	3	0,61	19	3,88	22	4,49
VIÚVOS	20	4,09	18	3,68	38	7,77

O adestramento das novas gerações para sobreviverem à competição com a sociedade brasileira, é um problema que se bem

ainda não tenha sido formulado pela comunidade, é por ela sentido agudamente e expresso na preocupação de que seja ensinado às crianças não só contar, “para não ser roubado”, como também o “regulamento”, i.é, a forma de se comportar na cidade. E isso devido à dependência cada vez maior da comunidade com o exterior: de um lado, o comércio com Miranda e com as povoações de Duque Estrada e Agaxi (esta última também Estação da Estrada de Ferro, entre D.E. e Aquidauana); doutro lado, a existência de um mercado de trabalho, representado pelos sítios e fazendas circunvizinhos e pelos próprios centros urbanos como Miranda, Aquidauana e mesmo Campo Grande. Contam-se nos dedos, em Cachoeirinha, as famílias que vivem essencialmente de seus roçados, cuja colheita vendem de preferência a Miranda (“porque pagam melhor”); a quase totalidade delas têm em seus chefes e em seus filhos mais velhos os melhores trabalhadores da região, seja para o trabalho de machado (extração de casca de angico, industrializada para cortume), seja para a foice (canaviais, aproveitados na indústria de água-ardente), ou mesmo para a agricultura. Essa população trabalhadora, juntamente com as das demais aldeias Terêna do sul de Mato Grosso, constituem a mão-de-obra por excelência, sendo disputada por empregadores que, por sua vez, não deixam de reconhecer sua eficiência e utilidade, notadamente em razão dos baixos níveis de salários que percebem.

Todos êsses fatores nos levam a prever um desenvolvimento cada vez mais rápido da aldeia, no sentido da “urbanização” de seus componentes, como diria Redfield. A exemplo de Bananal — aldeia Terêna em processo mais adiantado de mudança (6) —, também em Cachoeirinha já existe o “bolicho”, i.é, pequena casa de comércio onde se vende de tudo; de criação mais recente, o pequeno “bolicho” da aldeia luta com grande dificuldade para sobreviver, devido ao quase nenhum capital da família Terêna que o explora; faz suas compras em Miranda, uma vez por semana (quando há dinheiro), adquirindo gordura, macarrão, pão, caramelos, açúcar, sal, para citar as mercadorias que mais têm saída

(6) A aldeia foi descrita por Fernando Altenfelder da Silva, em seu trabalho “Mudança cultural dos Terêna” (Revista do Museu Paulista, vol. II, 1949) — e foi por nós visitada em 1955 e 1957.

na comunidade. Há épocas, entretanto, em que até rapadura e farinha de mandioca são procurados no “bolicho” ou comprados diretamente de Miranda ou Duque Estrada; o baixo índice de produtividade dos roçados da aldeia leva a comunidade a essa situação absurda, de ter de vender quase tôda a produção de sua principal indústria (a da rapadura e a da farinha) para ter de comprá-la, depois, por um preço muito mais alto! Pode-se dizer, em suma, que Cachoeirinha, sofrendo pressão do contexto regional, caminha para a adoção de todos aquêles traços comuns às povoações néo-brasileiras, embora seus componentes permaneçam fiéis à sua origem indígena e às suas tradições tribais, manifestas pelos “jogos profanos” (*bate-pau, cavalinho*, etc.), pelas práticas xamanísticas e, em parte, por sua própria visão do mundo. Tudo indica que fatores de ordem estrutural, i.é, ecológicos e demográficos, são os responsáveis por essa nova espécie de comunidade indígena, em transição.

Entregue para a publicação em 25 de março de 1958.

SUMMARY

The Terêna Indians live in over ten villages in the south of the State of Mato Grosso, between parallels 20.º and 22.º and meridians 54.º and 58.º. Proceeding from the Paraguayan Chaco, these Aruak speaking Indians, who have maintained contact with Brazilian society for a century, have not been assimilated, although it may be said that they are today integrated into the regional socio-economic structure.

In the present paper we approach the problem of the consequences of the “process of assimilation” through the change operated in a Terêna village towards its “urbanization”, i.e., the ecologic and demographic reaction of the Terêna people through the change from the old *circular* village to the present, with its *streets* and *residential* blocks.

Truly, we have been unable to discuss at length, as we should have liked, the actual “processus” of the change. The word limit of the paper made it impossible. However, we believe to have caught the moment at which a community in transition, such as Cachoeirinha, situated only eleven miles away from the town of Miranda, apparently began to adopt, with increasing strength, a style which might be designated as neo-Brazilian.

We chose the method of describing the selected village as if it were a *natural species*, guided by the model of ecologic study furnished by

Robert Ezra Park and have come to the conclusion that Cachoeirinha, under the pressure of the regional contexture, is on the way of adopting all those features which are common to Brazilian populations, although its inhabitants stay faithfully to their indigenous origin — and therefore to their condition of Indians — and their tribal traditions expressed principally through their “profane recreations”, their practice of Shamanism and, partly, through their own conception of the world.

However, as everything seems to indicate, the responsibility for this new community *species* lies in factors of a structural nature, namely, ecologic and demographic.

PRANCHA I

Fig. 3 — Mulher Terêna fazendo cerâmica, surpreendida no processo de moldagem. (Foto do Autor, 1955)



PRANCHA II

Fig. 4 — Dança do “Bate-pau”, realizada na avenida principal da aldeia (Foto do Autor — 1955)



PRANCHA III

Fig. 5 — O “Koixomuneti” Gonçalo, o Xamã de maior prestígio da comunidade. (Foto do Autor — 1955)



PRANCHA IV

Fig. 6 — Mulher Terêna, com o filho ao colo. (Foto do Autor — 1957).

